



Gonçalo Vasconcelos e Sousa

OPINIÃO

Preparar culturalmente para o mundo universitário

24 de Setembro de 2014, 6:35

Neste momento do ano, todos os que dedicam a sua vida à academia participam na azáfama que marca o reiniciar das aulas nas instituições de ensino superior.

Por esta altura é habitual escutarmos algumas vozes que se levantam, umas mais alto, outras em sussurro, quanto à preparação intelectual (ou falta dela) das novas gerações de alunos universitários. Neste enquadramento, pareceu-nos oportuno relatar um caso, envolvendo rapazes e raparigas entre os 15 e os 18 anos, verdadeiramente modelar no cumprimento do propósito de preparação de estudantes motivados para os novos desafios que a estimulante vida universitária deve pressupor.

Este exemplo vem dos Açores, mais precisamente de Angra do Heroísmo. Sim, deste arquipélago que tão excelentes contributos deu para a intelectualidade portuguesa, com vultos como Antero de Quental, Teófilo Braga ou Vitorino Nemésio. E esse caldeamento cultural encontra-se bem visível na “República das Letras”, o projecto levado a cabo por Miguel Monjardino ao longo dos últimos dez anos, e

no qual participou mais de uma centena de alunos, muitos deles já hoje licenciados, que aí receberam uma percepção diferente do mundo e da vida.

Este projecto organiza-se por classes, que se mantêm ao longo de quatro anos (do 9.º ano ao 12.º), numa perspectiva crescente e diversificada, centrando a sua actividade na leitura e conhecimento dos Clássicos. Numa sessão semanal aprendem a conhecer os fundamentos da nossa sociedade, através da leitura em grupo dos cantos da *Ilíada* ou da *Odisseia*, de Homero. E, ao jeito dos antigos gregos, interligam a cultura e o contacto com a natureza, através de generosas caminhadas na ilha Terceira, numa perspectiva de comunhão de grupo e de um justo equilíbrio entre as dimensões intelectual e física da vida. Como dizia num depoimento recente uma das alunas, nele se vivencia “um programa para a vida”.

Com uma existência própria, cada classe recebe a designação retirada do universo das obras lidas: os “Mirmidões”, os “Atenienses”, a “Krypteia”, ou a “Aristeia”, apenas para referir algumas. E, em cada ano, os alunos experienciam a arte da oratória num jantar formal, onde discursam com textos previamente elaborados, numa preparação para os momentos de intervenção pública que o futuro lhes pode reservar.

Para o sucesso deste projecto, em muito concorre o carisma da *alma pater* desta iniciativa, Miguel Monjardino, que nos habituamos a ouvir na televisão como comentador de assuntos internacionais, e a quem, à boa maneira de antanho, os alunos chamam “tutor e mestre”.

Se entendermos que a formação que o ensino universitário pressupõe não é somente o conhecimento em torno da “asa da borboleta”, mas também envolver a capacidade de estruturação intelectual, e que os licenciados devem transportar consigo uma cultura de integração, então certamente compreenderemos como projectos desta natureza

podem ser tão estimulantes na preparação dos jovens para a vida universitária.

**Director do Departamento de Arte e Restauro da
Universidade Católica Portuguesa, no Porto**

docente Universidade Católica Porto